

A Influência dos Ritos Dionisíacos no Carnaval e no Teatro Gregos

PRUDENCIO, Camila Dantas Lopes¹;
Prof Msc Valdirene Fatima da SILVA

Resumo

O deus Baco ou Dionísio teve grande influência no mundo grego, seja em suas festas regradas a vinho e orgias, seja no teatro grego e mais tarde no carnaval. Os ritos em homenagem a Dionísio, festivais que promoviam a quebra das regras sociais, características essas que tiveram grande impacto na tragédia e comédia grega e no carnaval. Durante as festividades na cidade de Atenas, concursos teatrais eram realizados onde o trágico e o cômico eram representados, originando assim o teatro, como uma forma de homenagear o deus Dionísio, seus primeiros atores eram chamados de “hipócritas” e usavam máscaras, recurso usado nas “procissões” de “bacanais” assim como o coro que tinha como intuito de provocar uma catarse nos espectadores sentimento esse que também estimulado nos ritos a Dionísio, a comédia por sua vez demonstrava o lado mais atrevido desses ritos, ao qual proporciona aos cidadãos críticas sociais e políticas, com irreverência, humor e caricatura, características nessas celebrações. Sobre as festas carnavalescas, o que entra em evidência é a inversão dos papéis sociais, e a utilização de fantasias e máscaras típicas do carnaval, assim como a música e a dança, observados nas celebrações passadas e contemporâneas.

Palavras-chave: Dionísio; Arte; Teatro, Carnaval, Liberdade.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar a influência dos ritos dionisíacos no teatro grego, em especial na tragédia e a comédia, e como o espírito de liberdade, a transgredir das normas sociais, foram assimiladas no carnaval, estabelecendo assim relações entre as práticas culturais e os antigos cultos dedicados ao deus Dionísio na Grécia antiga e expressões culturais modernas.

O deus do vinho era cultuado em rituais aos quais a vida era celebrada em sua plenitude, esses ritos levam o nome de dionisíacas, e se tornaram referência para o teatro e as festas carnavalescas. Conforme diz Berthold,2001, Dionísio, a encarnação da embriaguez e do arrebatamento é o espírito selvagem do contraste, a contradição extática da bem-aventurança e do horror. Ele é a fonte da sensualidade e da crueldade da vida procriadora e da destruição letal. Essa dupla natureza do deus, em atributo mitológico, encontrou expressão fundamental na tragédia grega.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Arte da Faculdade Integrada Regional de Avaré da Fundação Regional Educacional de Avaré.

Essa pesquisa explora como esses rituais influenciaram duas importantes manifestações culturais da atualidade: o Carnaval, uma festa que combina elementos de transgressão, alegria coletiva e teatralidade; e o teatro contemporâneo, que muitas vezes incorpora elementos dionisíacos de intensidade emocional e ruptura das convenções.

Ao longo dos capítulos, serão analisadas as similaridades e divergências entre os antigos ritos e suas respectivas expressões modernas, contextualizando historicamente e culturalmente essa perpetuação dionisíaca.

Dessa forma, busca-se compreender não apenas a influência dos ritos antigos nas práticas culturais de hoje, mas também o modo como esses legados foram reinterpretados ao longo do tempo, refletindo mudanças sociais, políticas e artísticas na sociedade contemporânea.

2. O BERÇO DOS MITOS

A informação é criada para atender às necessidades das pessoas de compreender o mundo em que vivem. Desde a criação do mundo, a humanidade tenta explicar a essência da vida, os problemas do mundo e a origem da vida. Os mitos de criação em diferentes culturas não apenas explicam a cultura e as tradições, mas também dão significado a elas. Na Grécia antiga, a mitologia desempenhou um papel crucial na formação do conhecimento cultural.

Inicialmente transmitida oralmente e posteriormente registrada em livros, a mitologia grega teve uma influência significativa na cultura europeia. Ela aborda não apenas as forças naturais, como tempestades, colheitas e mudanças climáticas, mas também as emoções humanas e os problemas que surgem nas relações entre os deuses e o mundo.

A mitologia grega não se limitou à Grécia Antiga. Com as conquistas de Alexandre, o Grande, por volta de 300 a.C., ela se espalhou por todo o Oriente Médio e além. Alexandre não apenas conquistou terras, mas também apresentou a cultura grega a essas regiões, importando elementos novos para cidades como Alexandria, no Egito, que se tornaram centros secundários de conhecimento e cultura grega.

Essas cidades passaram por uma fusão com a cultura local, tornando-se centros culturais que trocavam e aceitavam a definição da cultura grega, criando uma nova identidade cultural.

Durante os primeiros dias do Império Romano, a cultura grega dominou a cultura romana. Muitos deuses gregos foram aceitos pelos romanos, mas com novos nomes, como Zeus, que se tornou Júpiter, Afrodite, que se tornou Vênus, e Dionísio, que se tornou Baco.

As epopeias gregas foram adaptadas para refletir os costumes romanos. Roma desempenhou um papel vital na preservação da literatura grega, traduzindo um grande número de textos antigos e tornando esse conhecimento acessível ao mundo. Com suas vitórias militares e culturais, a cultura grega tornou-se uma parte essencial da identidade cultural europeia, influenciando a escrita, o pensamento, a política e a arte.

2.1. O que Dionísio representava

Dionísio, o deus da alegria e do caos, ocupa um lugar central na sociedade grega, simbolizando a festa da vida como um convite à felicidade, mas também ao pecado e à tentação. Como deus do vinho, Dionísio está intimamente associado à festividade e à embriaguez.

A celebração em sua homenagem, a Bacchanalia, era um espaço de liberdade que desafiava as fronteiras sociais, envolvendo canções alegres, danças, álcool e uma união festiva entre as pessoas. A celebração da alegria era uma parte essencial da religião, mas Dionísio também representava o caos, sendo frequentemente chamado de falso deus que tanto constrói quanto destrói. Nos mitos antigos, ele não permitia que ninguém zombasse de seu poder, como exemplificado na tragédia "As Bacantes" de Eurípides, onde Dionísio destrói aqueles que duvidam de sua divindade.

Além disso, Dionísio é considerado o deus do teatro grego, com as peças da Dionísia trazendo uma paixão por obras de arte que exploram a identidade, a morte e os limites da psique humana. O teatro, sob o olhar dionisíaco, ilumina a complexidade da experiência humana, misturando risos e lágrimas.

Dionísio, portanto, é uma alegoria da própria humanidade, uma dança entre alegria e loucura, ordem e desordem, vida e morte. Sua relação com a natureza é harmoniosa e bela, sendo um deus do renascimento e da felicidade. Ele é também o deus da natureza e da fertilidade, simbolizando a vida vegetal e frutífera.

A enxada e o feixe de uvas representam uma transformação completa e um renascimento. Nas colinas gregas, as vinhas eram consideradas presentes sagrados, e Dionísio ensinou a cultivar uvas e produzir vinho, enchendo de alegria os corações e as tendas.

O vinho, essencialmente, representa mudança, transformando-se em uma bebida que eleva o espírito e enriquece os festivais. Durante o festival de Dionísio, essas transformações se tornavam uma metáfora para o nascimento da vida, com os participantes experimentando um renascimento espiritual. Dionísio também está associado ao ciclo das estações, com o inverno e a primavera simbolizando tempos de renovação. Essa relação explica sua divindade, capaz de trazer esperança e renovação à vida humana.

Durante o festival, as pessoas agradeciam pela boa colheita e pelos presentes recebidos. Nos mitos antigos, Dionísio é retratado como um deus que se diverte com a vida humana, e os eventos em sua homenagem eram rituais de fuga dos problemas cotidianos, uma celebração regada a vinho, simbolizando o comunitarismo e o bem-estar.

Ele atuava como mediador entre os homens e os deuses, desejando-lhes a bênção da colheita e permitindo-lhes desfrutar dos frutos maduros da terra.

Fig 1



BACO (CARAVAGGIO)

Fonte: <https://www.jornaltornado.pt/baco-de-caravaggio/>

2.1.1 Ritos dionisíacos

O rito dionisíaco é uma celebração dedicada ao deus grego Dionísio, marcando o fim do inverno e a chegada da primavera. Originalmente, essas práticas estavam profundamente ligadas à agricultura e à terra, destacando a importância do transporte de sementes na vida social. Com o passar do tempo, essas tradições evoluíram para grandes eventos urbanos que combinavam religião e cultura. Os rituais dionisíacos têm início no final do inverno, quando os aldeões se preparam para a nova temporada de plantio. Os camponeses realizavam rituais para pedir solo fértil, colheitas abundantes e o favor de Dionísio. Esses eventos incluíam dança, canto, comida e bebida, celebrando o retorno à natureza após o inverno.

O culto a Dionísio acabou por se implantar de forma oficial no mundo grego na primavera e no outono, as cidades organizavam grandes festas populares, as dionisiacas as mais importantes, as grandes dionisíacas de Atenas, celebradas no início de março, deram origem a uma forma essencial de arte grega, o teatro. (GANDON, p 98, 2000)

Com o desenvolvimento das cidades gregas, os ritos dionisíacos foram incorporados às festas urbanas. As pessoas passaram a homenagear Dionísio com festivais públicos que combinavam atividades agrícolas e culturais, refletindo o crescimento das cidades e a necessidade de criar eventos que unissem moradores rurais e urbanos. Entre as principais festas dionisíacas, destaca-se a Dionísia Rural, realizada em dezembro/janeiro, centrada nas comunidades rurais com rituais e sacrifícios.

As Dionísias Urbanas, realizadas em Atenas em março/abril, tornaram-se um dos eventos mais importantes do calendário grego, combinando festivais religiosos com concursos teatrais onde dramaturgos apresentavam tragédias e comédias em homenagem a Dionísio.

Outra celebração importante é a Antesterias, realizada em fevereiro/março, que marca a inauguração dos primeiros vinhos da colheita anterior, com festivais e feiras. A Lenaia, comemorada em janeiro, foca em apresentações teatrais e celebrações do deus do vinho. Essas festas não apenas celebram a fertilidade da terra e o renascimento da natureza, mas também fortalecem a coesão comunitária entre os povos indígenas. A combinação de ritual religioso e arte refletia o significado cultural de Dionísio na Grécia antiga.

(...) mas essa informação diz respeito somente sua participação dionisíaca e não a algo como uma carroça-palco ambulante. O ritual da dança, coral e do teatro era procedido por uma procissão solene, que provinham da cidade e terminava na orquestra, dentro do recinto sagrado de Dionísio. O climax dessa procissão era o carro festeiro do deus puxado por dois sátiros, uma espécie de barca sobre rodas (CARRUS NAVALIS apud BERTHOLD, 2001, p. 104)

Fig 2



RITO DIONISÍACO

Fonte: https://www.tudosaladeaula.com/2021/01/atividade-art-surgimento-teatro-69ano.html#google_vignette

3. CARNAVAL: UMA DAS HERANÇAS DIONISÍACAS

O Carnaval é uma celebração rica em símbolos e rituais que têm suas raízes em tradições antigas, como os ritos dionisíacos da Grécia antiga. Este festival homenageia Dionísio, o deus do vinho e da fertilidade, simbolizando o espírito de liberdade e a rejeição da ordem social.

E embora hoje seja visto como uma festa popular, o Carnaval é, na verdade, uma continuação de antigas tradições, onde elementos como máscaras e fantasias desempenham um papel crucial na promoção do "crime social". O rito dionisíaco é uma celebração de transição e renovação, manifestada através de dança, canto e festa.

As máscaras são essenciais nesses eventos, permitindo que os participantes expressem suas identidades sociais e explorem novos aspectos de si mesmos (LIMONGI NETO, 2006, p.25). Este aspecto de mudança é fundamental para a compreensão das novas classes sociais.

Fig 3



BOUGUEREAU (1884) FESTA EM HOMENAGEM A BACO
Fonte:<https://jafetnumismatica.com.br/festa-em-homenagem-baco-carnaval/>

No contexto do Carnaval, as máscaras permitem que as pessoas testem diferentes personalidades e desafiem normas sociais. O anonimato proporcionado pelas máscaras facilita a expressão de desejo reprimidos e críticas às estruturas sociais existentes (BAKHTIN, 1984). Assim como nas festas de Dionísio, onde o mundo é sagrado e unido, o Carnaval cria um espaço onde as regras são temporariamente suspensas.

As máscaras modernas não são meras invenções; elas contêm significados profundos sobre liberdade e mudança. Cobrir o rosto permite que os participantes adotem novas personas que desafiam as normas existentes, refletindo a essência do ritual dionisíaco, que enfatiza a liberdade criativa através da introdução de diversas funções sociais (HOBSBAWM: RANGER, 1983).

Fig 4



AS MÁSCARAS TEATRAIS

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/teatro-grego/>

As roupas usadas no Carnaval também desempenham um papel importante. Os participantes podem se vestir como personagens fictícios ou lendas modernas, promovendo a crítica social e, ao mesmo tempo, incentivando a criatividade (MARTINS, 2010). Os diferentes trajes vistos nas ruas durante o Carnaval simbolizam a diversidade cultural e as diferentes identidades existentes na sociedade.

O Carnaval é um espaço de suspensão temporária das normas sociais, uma ideia profundamente enraizada na tradição dionisíaca de celebrar o caos criativo. Nessas festas, os problemas da sociedade costumam ser expressos em um clima alegre (TURNER, 1982, p.).

Assim como as antigas celebrações dedicadas a Dionísio, o Carnaval moderno busca unir comunidades em torno de um tema comum: a celebração da vida.

Além disso, o Carnaval é um espaço inclusivo onde se reúnem pessoas de diferentes origens, refletindo antigas tradições dionisíacas que promoviam a coesão social ao celebrar o grupo (HOBSBAWM, RANGER, 1983).

A capacidade do Carnaval de superar barreiras sociais faz dele uma expressão cultural única. O Carnaval, que ocorre antes da Quaresma, é frequentemente associado à ideia de renovação e mudança. A festa pode ser vista como uma expressão da mudança natural da primavera, simbolizando renascimento, progresso e renovação da vida. A

ligação entre o Mardi Gras e a água pode ser vista de várias maneiras, desde festas de moda até celebrações internacionais.

Mardi Gras refere-se aos eventos de celebração do Carnaval, que começam após as festas cristãs da epifania e culminam no dia anterior a quarta-feira de cinzas.

A primavera é a época do renascimento e da renovação, quando a natureza revive após o inverno, trazendo flores, cores vivas e nova vida. Essa sensação de liberdade está intimamente relacionada ao espírito do Carnaval, que representa uma oportunidade de escapar das restrições do cotidiano e celebrar a vida (JUNG, 1999).

A água traz novas formas de crescer, e o Carnaval permite que as pessoas superem barreiras sociais e expressem sua individualidade de forma criativa.

O uso de cores vivas nas roupas e tambores mostra a conexão com a natureza no processo de nascimento. O Carnaval pode ser entendido como um rito de passagem, marcando o fim de um ciclo e o início de outro. Este conceito é semelhante às práticas de cultivo enfatizadas na primavera em diversas culturas para se ter uma boa colheita (TURNER, 1982).

No Carnaval, as pessoas se reúnem para celebrar a Quaresma e refletir sobre suas vidas passadas, criando um espaço que celebra a alegria e a liberdade. Essa mudança é mais uma forma de fortalecer os laços sociais. Vestir-se permite que as pessoas expressem seus desejos e necessidades mais profundos, incentivando um sentimento de renovação mútua (HOBSBAWM & RANGER, 1983).

Assim como a primavera dá vida a tudo, o Carnaval é símbolo de criatividade e energia. Elementos naturais são frequentemente incorporados às celebrações.

Roupas feitas de flores, árvores e animais mostram essa ligação com a terra (MARTINS, 2010). Além disso, muitas canções e danças produzem sons da natureza, enfatizando o trabalho e as mudanças naturais de energia.

A presença desses costumes no Carnaval não só embeleza o evento, mas também reforça a crença de que o Carnaval é uma celebração de todos os aspectos da vida. Assim como a primavera traz vida e vitalidade a tudo, o Carnaval renova as energias.

Fig 5



Comissão de frente da Paraíso do Tuiuti, que falou sobre trabalho e escravidão THIAGO RIBE/
AGIF/ESTADÃO CONTEÚDO

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2018/02/carnaval-de-2018-retoma-historia-politica-dos-sambas-de-enredo-das-escolas-cariocas-cjdlwaig3019j01rvxuqeuqmg.html>

3.1. O teatro grego: a outra herança dionisíaca

O drama grego surgiu como uma expressão cultural e artística em Atenas no século VI a.C., originando-se de festivais religiosos dedicados a Dionísio, o deus do vinho. Conhecido como Bacchanalia, esse evento era uma celebração de música, dança e teatro em homenagem a Dionísio.

Os ritos dionisíacos eram caracterizados pela emoção e pelo poder humanos, reunindo participantes para celebrar as bênçãos e ofertas da terra. Durante essa festa, eram realizadas danças, canções e peças teatrais que retratam histórias com os deuses (BLOOM, 1998).

Um dos elementos mais importantes desse ritual era o uso do tema "Dionísio", associado ao grande prazer e felicidade do culto a Dionísio. Essas experiências permitiam que as pessoas se conectassem com algo maior do que elas mesmas, quebrassem normas sociais e experimentassem mudanças pessoais (NIETZSCHE, 1999). Dionísio representava a busca pela liberdade através da arte e da expressão emocional.

Com o tempo, esses rituais tornaram-se mais complexos. No século VI a.C., o poeta Thespis foi considerado o primeiro a criar drama ao separar os atores da música no processo dramático (Hall, 2006).

Desde então, outros dramaturgos, como Ésquilo e Sófocles, expandiram a arte introduzindo mais personagens e ideias. O espetáculo realizado durante a festa dionisíaca era uma importante oportunidade para os dramaturgos mostrarem seu trabalho.

O Festival de Dionísio em Atenas era um evento anual onde tragédias e comédias eram apresentadas em competições (WILES, 2000). Esses eventos desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do drama grego.

O conceito de Dionisíaco também aparece no sistema teatral grego, tratando de temas universais como amor, morte e destino, permitindo ao público refletir sobre suas vidas (KASTRITIS, 2010).

O teatro funcionava como um lugar de catarse, onde as emoções eram liberadas por meio de experiências prazerosas. Além disso, a comédia atraía um público mais amplo e explorava questões sociais. A liberdade criativa permitida pela tradição dionisíaca quebrava a estrutura narrativa do drama, permitindo críticas mais profundas (FISCHER-LICHTE, 2008).

A catarse, derivada da palavra grega "katharsis", que significa purificação ou limpeza, é definida por Aristóteles na Poética como uma emoção social que envolve a liberação de emoções fortes como o amor e o medo.

Essa purificação é crucial para a experiência do espectador, permitindo-lhe compreender e refletir sobre seus próprios pensamentos e ações (Aristóteles, 1996). A tragédia grega era mais do que apenas entretenimento; tratava-se de sentir profundamente.

Os atores apresentavam histórias trágicas de heróis que enfrentavam fins cruéis, conquistando uma resposta calorosa do público. Essa familiaridade com os personagens e suas lutas permitia que o público encontrasse um lugar seguro para acalmar seus medos, saindo do espetáculo feliz e pensativo (HALL, 2006).

Além da filosofia, o teatro grego também era um local de pensamento social e moral. As peças frequentemente discutiam questões morais, disputas familiares e questões políticas que afetavam a sociedade ateniense da época. Peças como Édipo Rei, de Sófocles, exploravam temas de determinação, responsabilidade e busca pela verdade, permitindo que as pessoas confrontassem suas próprias crenças e valores (GOLDHILL, 1997).

Os dramaturgos utilizavam o palco como plataforma para criticar a cultura social da época. Através do uso de dramas históricos ou eventos ficcionais, eles podiam lidar com problemas cotidianos sem intervenção direta. Por exemplo, nas peças de Eurípides, sempre havia questões sobre a relação entre o papel da mulher e a guerra, incentivando discussões sobre justiça e moralidade (FISCHER-LICHTE, 2008).

Os teatros também eram locais públicos onde os cidadãos se reuniam para discutir questões importantes. As competições realizadas em festivais como o festival dionisíaco eram mais do que meras atividades hedônicas; eram oportunidades para conectar cidades-estado e seus interesses (WILES, 2000). O trabalho social aumentava a coesão social e promovia a autoconsciência entre os cidadãos.

4. CONSIDERAÇÕES

Ao concluir esse trabalho, podemos evidenciar que os ritos dionisíacos dos quais celebravam a catarse, serviram como base para o teatro e as festividades que mais tarde influenciaram o carnaval como conhecemos.

As festas dionisíacas foram uma ruptura das normas sociais ao qual permitiam a libertação das emoções das regras evidenciados tanto no teatro como nas festas carnavalescas, onde a alegria, a quebra das regras sociais a simetria entre o sagrado e o profano, o divino e o humano, se evidenciam.

Dessa maneira podemos concluir que esses ritos tiveram e têm grande relevância no teatro e no carnaval, nas práticas culturais e artísticas e que de certa maneira influenciaram e continuam a influenciar o modo que compreendemos o mundo e a nossa existência.

5. REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- BLOOM, Harold. **The Western Canon: The Books and School of the Ages**. New York: Harcourt Brace & Company, 1998.
- FISCHER-LICHTE, Erika. **The Transformative Power of Performance: A New Aesthetics**. Routledge, 2008.
- GANDON, Odile. **Deuses e heróis da mitologia grega e latina**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- GOLDHILL, Simon. **Reading Greek Tragedy**. Cambridge University Press, 1997.
- HALL, Edith. **Greek Drama: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2006.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção da Tradição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1999.
- KASTITIS, Georgios. **Greek Tragedy and the Politics of Form**. Cambridge University Press, 2010.
- LIMONGI NETO, Rubens. "Carnaval: Entre Tradição e Modernidade". **Revista Brasileira de Folclore**, v. 1 n. 2, 2006.
- MARTINS, José de Souza. **Carnaval: Cultura Popular e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- TURNER, Victor. **A Antropologia do Ritual**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- WILES, David. **Greek Theatre Performance: An Introduction**. Cambridge University Press, 2000.